

UMA TENTATIVA DE DIVERSSÃO E DE DIVISÃO  
CONTRA O MOVIMENTO ANTI-FASCISTA  
E ANTI-COLONIALISTA PORTUGUÊS

Uma situação grave que atinge o prestígio e a unidade do Movimento Anti-fascista português acaba de criar-se em Argel. No dia 3 de Setembro, dois membros da Junta Revolucionária Portuguesa, Fernando Piteira Santos e Manuel Alegre, de colaboração com um grupo de quatro indivíduos -dois homens e duas mulheres- que não tiveram a coragem de identificar-se, nem apresentaram qualquer documento que os credenciasse, aproveitaram-se da ausência de dois membros daquele organismo, Manuel Sertorio e Pedro Soares, distribuíram este último da direcção da FPLN, excluíram o Partido Comunista Português, designaram em sua substituição elementos estranhos ao Movimento Anti-fascista unitário.

Este golpe de conspiradores sem dignidade foi preparado na base de um documento "confidencial", subscrito pelos dois indivíduos acima citados e datado do mês de Julho, no qual se calunia o Partido Comunista e o Movimento Democrático, para através de tais infâmias conseguirem montar o cenário com que tentaram consumir os seus intentos.

O grupo que preparou o golpe, sob a direcção de Fernando Piteira Santos e de Manuel Alegre, deslocou-se a Argel e consumou o acto apressadamente na manhã de 3 de Setembro, recusando-se a aguardar a chegada do representante do Partido Comunista Português, apesar de lhes ter sido dito que ele chegaria no espaço de poucas horas e negando-se a ter qualquer conversa para esclarecimento das suas intenções.

Tentaram fazer entrega de uma carta dirigida à Direcção do Partido Comunista Português, sem assinaturas de pessoas ou de organizações, que Maria Luísa Costa Dias se recusou a receber, por não considerar válida a reunião nem dignos de crédito os chamados representantes das "forças revolucionárias do interior", denunciando a ilegalidade do acto e responsabilizando Fernando Piteira Santos e Manuel Alegre como elementos determinantes de uma tal ilegalidade.

Assistiram ao acto como colaboradores do golpe, José Sarmento e Manuel Ruela, estando este último, como o informaram os conspiradores, no conhecimento do plano.

Contra quem desferem o seu primeiro golpe "revolucionário"  
os conspiradores de Argel?

Os processos de actuação empregados pelos conspiradores de Argel são demonstrativos de um nível político e moral degradantes e testemunham das intenções que animam o pequeno grupo de conspiradores, que distribuindo-se pela Argélia, Suíça e França voltam as armas contra o Partido Comunista Português, cuja presença activa e fundamental na vida política portuguesa nasceu da sua abnegação sem limites à causa da classe operária e do povo português,



nasceu do sacrifício dos seus militantes, torturados ou assassinados pelos egíriotas fascistas, nasceu da justiça da sua linha política.

O golpe preparado pelos conspiradores de Argel dirige-se não somente contra o Partido Comunista Português, mas contra o Movimento Anti-fascista e Anti-colonialista no seu conjunto, contra os democratas de varias tendências - católicos, socialistas de esquerda, intelectuais, jovens, mulheres, operários e camponeses, integrados no M.O.D.-Movimento de Oposição Democrática- e em organismos semi-legais e ilegais, que conduzem o combate diário contra a ditadura fascista, correndo o risco da liberdade e da vida.

A "Voz da Liberdade", que serviu o Movimento Anti-fascista e Anti-colonialista unitário, desenvolve uma campanha caluniosa contra o Partido Comunista Português, reforçada em cada emissão, ataca as outras forças anti-fascistas coligadas com o Partido Comunista, mina a unidade, desacredita a causa da luta democrática em Portugal, utilizando um verbalismo pseudo-revolucionário, eivado de demagogia e de sectarismo, que esconde uma profunda desorientação política e uma impotência para a acção, em qualquer dos planos que imponha o sacrifício da luta consequente e corajosa contra o fascismo.

Os conspiradores de Argel encontram-se à margem  
do Movimento Anti-fascista português

Os conspiradores de Argel pretendem acobertar-se com a bandeira da Frente Patriótica de Libertação Nacional, que não possui estruturas organizadas em Portugal, não porque o Partido Comunista Português tenha dificultado a sua criação, como afirmam os golpistas, mas porque o Movimento de Acção Revolucionária (M.A.R.), que nele estava integrado, se dissolveu e porque a Resistência Republicana e Socialista se afastou da Frente Patriótica, transformando-se em Acção Socialista Portuguesa (A.S.P.).

Os golpes da repressão, que atingiram dirigentes e elementos responsáveis, assim como organizações locais e regionais, liquidaram no país as estruturas da FPLN.

Num momento de refluxo das forças democráticas não era possível trazer à luta e à unidade com o Partido Comunista Português aqueles que se tinham reduzido à inacção ou tomavam posições capitulacionistas e de anti-comunismo. No quadro da vida política nacional não havia forças políticas organizadas dispostas naquela altura a uma acção unitária com o Partido Comunista.

A partir de 1967, o impulso das lutas de massas, as greves, paralisações e concentrações de centenas de milhares de trabalhadores contribuíram de modo decisivo para dar um novo impulso à actividade das forças democráticas, para unir essas forças na luta contra o regime, para criar um amplo movimento popular e anti-fascista, que ganhou força e conquistou posições ao governo de Marcelo Caetano, reduzindo-lhe a sua base social, desmascarando a sua política de guerra e de opressão colonial, permitindo uma larga mobilização popular e o desenvolvimento da luta de massas, acelerando e agravando as contradições internas do regime.

A amplitude e o vigor do movimento anti-fascista e popular trouxe a primeiro plano da luta contra o regime, o problema da guerra colonial e do colonialismo

lismo, que se transformou num motivo de largas acções de massas, de protestos populares, de manifestações de rua, de variadas acções nos quartéis contra a guerra colonial.

Os conspiradores de Argel, fechados nas suas posições sectárias, divorciados dos problemas reais do país e da luta anti-fascista, mas aspirando à direcção do movimento democrático, viram com despeito, com hostilidade e com raiva crescer a luta anti-fascista em Portugal, sem que eles tivessem tido qualquer papel dirigente ou simples participação activa.

Ter-se-iam colocado inteiramente à margem da luta democrática, se o Partido Comunista Português não tivesse agido para modificar esta situação, procurando colocar a "Voz da Liberdade" e outros meios técnicos ao serviço do Movimento Anti-fascista e popular.

Em face da nova situação política que se criara no país, os conspiradores de Argel pretendiam manter perante as autoridades argelinas desprevenidas e confiantes, perante a opinião pública progressista mundial, o "mito" da Frente Patriótica de Libertação Nacional, em vez de se integrarem na acção conjunta do Movimento Anti-fascista e ganharem por esses factos uma real representatividade, em vez de viverem de um artifício.

Em vez de salvarem o que restava no estrangeiro da FPLN, os conspiradores de Argel resolveram seguir o caminho da luta aberta contra o Partido Comunista Português e o Movimento Anti-fascista, resolveram seguir o caminho da divisão, da aventura política sem dignidade, o caminho do golpe dos "coronéis gregos", que desonra e avilta quem o pratica. Condenaram-se assim à liquidação política, chamando em seu socorro, para uma colaboração activa, os resíduos políticos expulsos ou afastados do Partido Comunista ou do Movimento Democrático, grupos de uma emigração política duvidosa, que se entrelaça com a acção provocatória da policia.

Os conspiradores de Argel pretendem minar a aliança  
entre o Movimento Anti-fascista e Anti-colonialista  
de Portugal  
e os Movimentos de Libertação de Angola, Guiné e Moçambique

Os conspiradores de Alger pretendem apresentar-se como defensores da luta anti-fascista, anti-colonialista e anti-imperialista, mas nos podemos perguntar se eles se encontram nessa frente de luta quando a enfraquecem e a desacreditam pela divisão, por golpes aventureiros, por posições sectárias, por calúnias, pelos serviços que estão prestando ao inimigo.

Não servem a causa da luta libertadora dos povos de Angola, Guiné e Moçambique, como não servem a causa do povo português aqueles que se colocam em posições de luta aberta contra o Partido Comunista Português e o Movimento Anti-fascista unitário.

O Partido Comunista Português conquistou desde há muito um lugar destacado no Movimento Anti-fascista e Anti-colonialista, pela justeza da sua linha

política, pela sua luta, pela sua posição consequente e firme no combate contra o colonialismo e a guerra colonial, na mobilização do povo e na conscientização do povo contra a criminoso política fascista em Africa, na defesa coerente das aspirações dos povos de Angola, Guiné e Moçambique à independência imediata e completa, na aliança estabelecida e vivida na dureza da luta, com os Movimentos de Libertação dos três países africanos.

Nos seus tresloucados processos de acção, os conspiradores de Alger tentam separar o Partido Comunista Português e o conjunto do Movimento Anti-fascista que enfileira em posições anti-colonialistas, dos Movimentos de Libertação de Angola, Guiné e Moçambique, apresentando-se com um revolucionarismo verbal que nunca se exprimiu em formas concretas de acção e de mobilização popular contra a guerra colonial, e dificilmente se exprimira no futuro, apesar dos devaneios de palavras com que pretendem assinalar as suas posições anti-colonialistas.

O golpe dos conspiradores de Argel lesa a luta dos povos de Angola, Guiné e Moçambique, dos Movimentos de Libertação que os representam - M.F.L.A, P. A.I.G.C. e FRELIMO - como lesa a luta do povo e dos anti-fascistas e anti-colonialistas portugueses, na qual se integra com toda a sua força orgânica e a sua influência de massas, o partido da classe operaria e das massas trabalhadoras: o Partido Comunista Português.

O golpe dos conspiradores de Alger  
é um golpe do mais baixo estilo

Os conspiradores de Argel dizem contar com o apoio das autoridades argelinas para a concretização dos seus planos. E de pôr em duvida uma tal afirmação e se viesse a confirmar-se so poderia resultar de um equívoco, que uma vez esclarecido reporia a questão nos seus justos termos.

O Movimento Anti-fascista e Anti-colonialista Português não pode ser representado por um grupo de homens que se coloca à margem desse Movimento, que não possui nem partidos, nem movimentos, nem estruturas organizadas no país, para um combate frontal e violento contra o regime fascista.

Os mesmos processos desonestos e desleais que utilizam contra o Partido Comunista Português e o Movimento Anti-fascista, servem agora os seus intentos junto das autoridades argelinas, porque não podem falar a linguagem da verdade. Rapidamente se afundariam.

Os dinheiros da solidariedade internacional, que orçam por algumas centenas de contos, estão nas mãos dos conspiradores de Argel, que desde ha muito preparavam este golpe, recusando-se a prestar contas e quebrando as normas democraticas da gerência financeira.

O golpe de Argel nem sequer é um "golpe de palacio", porque é uma marobra do mais baixo estilo, é um golpe revelador da impotência revolucionaria, dos métodos de luté dos seus autores. Pensam "fazer a revolução" na rectaguarda, a milhares de quilometros de distância do verdadeiro teatro de luta, não contra o fascismo, mas contra o Partido Comunista Português, que conquistou, pela sua clarividência politica, pelo seu combate sem tréguas, pelo heroismo dos seus militantes, um lugar de honra entre as forças democraticas.

Os conspiradores de Argel entraram já pelo caminho do anti-comunismo e por ele continuarão a marcha até ao seu total eclipse da cena política. A experiência demonstra que o caminho do anti-comunismo conduz inevitavelmente à colaboração com o inimigo, a partir de posições pretensamente revolucionárias. Esse é já hoje o caminho dos conspiradores de Argel quando dividem, quando se botam, quando caluniam, quando intrigam contra o movimento anti-fascista e pretendem separá-lo dos Movimentos de Libertação.

Os meios de propaganda e os recursos financeiros que o governo da Argélia e a solidariedade internacional forneceram à J.R.P. para servir o Movimento Anti-fascista e Anti-colonialista Português estão nas mãos de conspiradores sem escrúpulos, que irão utilizá-los para servir as suas ambições pessoais, a sua actividade divisionista e de diversão, as suas aventuras de rectaguarda, a sua estratégia de palavras.

É preciso desmascarar os conspiradores  
pôr a nu as suas manobras de divisão  
esvasiar o seu verbalismo pseudo-revolucionário

O golpe dos conspiradores de Argel lançou-os abertamente no caminho da aventura. Substituíram os métodos de discussão leal e franca, por métodos indignos e desleais, por formas de actuação política que definem os aventureiros de todos os matizes, utilizados pelas forças reaccionárias contra a luta popular e democrática à escala mundial.

No momento em que fazíamos esforços sinceros para encontrar uma solução aceitável para as questões ligadas à existência da Radio "Voz da Liberdade", no momento em que fazíamos propostas concretas para continuar a actividade conjunta, a partir de Argel, os conspiradores tramavam já o golpe contra o Movimento Anti-fascista e o Partido Comunista Português, não tendo sequer a coragem e a dignidade mais elementares para nos dizer que se afastavam da unidade e seguiam uma outra via.

Os conspiradores de Argel arvoram um "revolucionarismo" de palavras, querem "fazer a revolução no século XX com tempo e com data", mas ignoram as leis elementares do processo revolucionário, são incapazes de uma actividade organizada e conseqüente, não possuem nem organização, nem homens, nem capacidade dirigente, nem nível político, nem espirito de sacrificio para levar a cabo qualquer acto revolucionário digno de regato.

Continuam a servir-se da sigla da Frente Patriótica de Libertação Nacional para esconder as suas debilidades, a ausência total de organização no interior do país, para atrair anti-fascistas desprevenidos, à sua influência, para tentar mobilizar os esforços de uma emigração económica que seguiu durante anos, no estrangeiro, a actividade externa da FPLN e particularmente a actividade da Radio "Voz da Liberdade", cuja direcção se manteve a cargo do representante do Partido Comunista Português, desde 1964, até Agosto do presente ano.

Os conspiradores de Argel afivelam agora a máscara de defensores da classe operária e das massas populares, na ridícula tentativa de se sobrepor ao Partido Comunista Português na sua influência e no seu papel dirigente. eles que, por origem de classe e por posição social, se encontram divorciados dos

trabalhadores, desconhecem os seus problemas e as suas aspirações, não se dispõem a correr riscos e a fazer sacrifícios para conduzir no interior do país uma actividade revolucionária consequente.

A demagogia de que se servem mascara apenas as suas ambições pessoais, a sua incontida aspiração à chefia do movimento anti-fascista, apoiando-se numa suposta influência entre a classe operária, como se os trabalhadores pudessem perder a noção da realidade política e se deixassem acorrentar à fraseologia de ocasião dos estrategas do desespero, que não confiam sequer na força revolucionária das massas e se deixam sacudir e tomar de pânico, ao mais ligeiro sopro da acção do inimigo.

Os conspiradores de Argel consideram-se hoje na posse de uma "estratégia revolucionária", que as restantes forças anti-fascistas foram incapazes de antever ou de elaborar e muito menos de praticar.

Eles querem ensinar ao Movimento Anti-fascista Português a arte de atacar e derrotar o inimigo, mas não deixam de confessar a sua própria impotência, quando afirmam na sua carta "confidencial" datada de Julho, que "se assiste a um processo de dispersão, de dissidências, de ruptura, de pesquisas autonomas e de esforço autonomo de organização".

A estratégia das "potencialidades revolucionárias" é exactamente a "estratégia" que eles anunciam e praticam: a estratégia da "dispersão, das dissidências, da rutura", numa palavra, a estratégia da divisão do movimento anti-fascista. É aqui que os conspiradores desejariam chegar se tivessem força para tanto. Arredando o Partido Comunista Português e os seus aliados, os conspiradores de Argel ver-se-iam guindados ao posto de dirigentes indiscutíveis das "forças revolucionárias anti-fascistas", embora se encontrassem na posição ridicula de "generais" de um exército sem soldados, como já lhes sucede neste momento.

Acosados pelos protestos e pela indignação que o seu golpe de mão suscitou, sem coragem para tomar as responsabilidades dos actos que praticaram, os conspiradores de Argel dizem agora que não atacam o Partido Comunista Português, que até possuem militantes comunistas na sua FPLN, militantes comunistas que a sua fantasia criou, de um instante para o outro, com a força de um poder sobrenatural.

O pequeno grupo de renegados que se afastaram do Partido Comunista ou dele foram expulsos, por mau porte na policia ou por outros actos indignos não representam, em nenhuma circunstância, o Partido da classe operária, o Partido de Bento Gonçalves, a força decisiva do Movimento Anti-fascista.

Os conspiradores de Argel dizem que o seu inimigo principal é o fascismo, mas é contra o Partido Comunista e os seus aliados que dirigem os seus ataques. O fascismo aparece como o pano de fundo, para explicar o cenário de intrigas e de calúnias em que desenvolvem a sua acção.

As suas posições anti-soviéticas, os seus ataques aos países socialistas, começam a tomar formas precisas. Eles "não sacrificam a sua acção revolucionária a uma estratégia global", a uma "política de blocos". "São acima de tudo revolucionarios portugueses". Esta é a sua estratégia de acção no campo internacional. Esta é a sua noção de correlação de forças à escala do mundo. Esta é uma prova da sua pequenez política.

E que mais ainda?

Eles não reconhecem a edificação do socialismo na União Soviética e nos ou-

tres países socialistas. O socialismo, o autêntico socialismo, será aquilo que eles vierem a construir com a sua estratégia de "potencialidades revolucionárias", com os seus golpes contra o Partido Comunista e o Movimento Anti-fascista unitario.

Não se diga que lhes falta imaginação e presunção!

A conduta dos conspiradores de Argel não pode deixar lugar a duvidas.

Os anti-fascistas portugueses que correm o risco da luta em Portugal, que se encontram à frente das manifestações de rua, que desenvolvem um persistente trabalho de organização no plano legal e no dominio clandestino, que dirigem a luta das massas populares, saberão responder aos actos divisionistas dos conspiradores de Argel.

A classe operaria, a juventude, os camponeses, os intelectuais, as mulheres antifascistas saberão encontrar a digna resposta para o trabalho desagregador que se desenvolve a partir de Argel, com a colaboração de pequenos nucleos dispersos pela Suíça e pela França, sem influência organizada em Portugal.

É necessario desmascarar e isolar os conspiradores de Argel. Combater as suas manobras de divisão e de diversão. Esvasiar o seu verbalismo pseudo-revolucionario. Retirar-lhes os bens materiais e técnicos de que ilicitamente se apossaram e devolver esses bens ao Movimento Anti-fascista unitario. Desapossar-lhes dos recursos financeiros, de centenas de milhares de escudos, que estão nas suas mãos.

O Movimento Anti-fascista unitario, os nucleos de democratas espalhados por varios países não podem permitir que os inimigos da unidade atentem contra o movimento democratico, contra a luta do povo, contra as forças politicas de vanguarda que no interior do país se dispõem verdadeiramente a marchar ao assalto do poder, apoiados na classe operaria e nas massas populares, enquanto os conspiradores de Argel fazem a revolução em palavras, acomodados a uma vida de rotina, a milhares de quilometros de distância do real teatro da luta contra a ditadura fascista.

Não nos deixemos perturbar pela sua actividade divisionista. Não irão longe no seu labor de desagregação. O Movimento Anti-fascista é suficientemente poderoso, para anular os efeitos da sua acção corrosiva no plano ideologico, no plano politico, no plano da organização, no dominio da luta contra o fascismo.

Ha bolas de sabão na atmosfera politica. O sopro do vento se encarregara de desfazê-las.

Argel, 7 de Setembro de 1970

Pedro Soares

Membro do Comité Central do Partido Comunista Português

